



Aletheia

ISSN: 1413-0394

mscarlotto@ulbra.br

Universidade Luterana do Brasil
Brasil

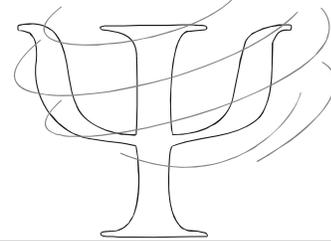
Picolli da Silva, André Luiz
Resenha de "A chama dupla: amor e erotismo" de Octavio Paz
Aletheia, núm. 17-18, enero-diciembre, 2003, pp. 163-165
Universidade Luterana do Brasil
Canoas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013455017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



André Luiz Picolli da Silva

O fogo que arde sem se ver

Existem fronteiras entre sexualidade, erotismo e amor? Se existem, quais são? Como são delimitadas e transmitidas? É útil sabermos reconhecê-las? Perguntas aparentemente simples como essas, revelam a existência de um complexo sistema envolvendo a sexualidade humana que, justamente por ser humana, está longe de apenas objetivar a perpetuação da espécie. É com esta visão que Octavio Paz, em seu livro “A Chama Dupla: amor e erotismo”, demonstra de que maneira houve a transformação do sexo em erotismo e do erotismo em amor e assim de como passamos da condição animal para a condição humana; demonstrando também como as diferentes concepções eróticas e amorosas são influenciadas e influenciam as culturas. Para tanto, Paz discorre ao longo da história do amor no Ocidente, da Grécia clássica ao final do século XX.

Por serem aspectos de um mesmo fenômeno, que é a vida, com frequência sexo, erotismo e amor são erroneamente confundidos, como se fossem algo único. Dos três, o sexo é o mais amplo por abranger todas as criaturas vivas, já o erotismo é algo restrito ao social, é a sexualidade modificada

pela imaginação. O sexo ao mesmo tempo cria e ameaça a sociedade, por isso a função do erotismo é tornar a sexualidade sociável, fazendo com que ela sirva, ao mesmo tempo, à sociedade (cultura) e à natureza (procriação). Assim como o erotismo é um refinamento da sexualidade, o amor é um refinamento do erotismo e, diferencia-se deste por ser direcionado a uma única pessoa. Sendo o fruto de uma escolha, o amor atravessa o corpo e vai em direção a alma. Em outras palavras, o movimento do sexo para o erotismo e para o amor, é o mesmo que o movimento da natureza para o corpo e para a alma, ou do animal para o social e para o individual. Entretanto, Paz salienta a importância de distinguir entre o sentimento amoroso, que ocorre em todas as épocas e culturas, e a idéia de amor adotada por uma sociedade em determinada época, sendo, a história da idéia ocidental de amor o assunto a que mais enfaticamente o livro se remete.

Durante a leitura, fica clara a preocupação do autor em demonstrar como as concepções de amor e de erotismo se manifestam na literatura, em especial na poesia. Ero-

Resenha do livro - A chama dupla: amor e erotismo. De Octavio Paz, publicado em 1995, em Lisboa pela editora Assírio & Alvim, com 159 páginas.

André Luiz Picolli da Silva é Psicólogo, mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Endereço para correspondência: Rua Barra velha, nº 141. Bairro: Bela Vista I – São José - SC - CEP: 88110160. Endereço eletrônico: kuluzan@hotmail.com / anpicolli@bol.com.br

tismo e poesia são metáforas, uma na sexualidade outra na linguagem e, por isso, são tão próximos. A poesia é uma manifestação física dos sentidos, tanto quanto o sonho e o encontro erótico, que também são manifestações poéticas em si. O erotismo verbal aliado à poesia corporal proporciona o surgimento da ideologia do amor, expressa na literatura ao longo dos séculos.

Segundo o autor, embora a ideologia do amor exista em todas as sociedades, ela não é idêntica no Oriente e no Ocidente, como exemplo no Ocidente o amor está ligado à noção de destino, que por sua vez, está ligada a uma noção de alma individual que não é a mesma noção de alma do Budismo, Hinduísmo e Taoísmo, por exemplo. No Oriente a noção de amor está mais próxima da religião, enquanto no Ocidente da filosofia, assim, não é a toa que a Grécia, local onde a filosofia se despreendeu da religião, tenha sido o berço onde surgiu a primeira noção ou conceito do amor ocidental.

O período grego pode ser entendido como a pré-história do amor, cuja atual concepção só surgiu em Provença no século XII. Porém, é na Grécia clássica que aparece o embrião de um acontecimento *sine qua non* para a construção da atual ideologia do amor: a emancipação gradativa da mulher. Octavio Paz é enfático ao afirmar que: *“A manifestação do amor é inseparável da manifestação da mulher. Não há amor sem liberdade feminina.”* Assim, paulatinamente, as mulheres foram ganhando espaço nas obras literárias gregas, como nos poemas de Catulo, depois na poesia latina com Virgílio, Orácio, Ovídio e Propércio, que inaugurou o gênero literário do diálogo amoroso com as almas dos mortos, que irá repercutir em Baudelaire, passando pelo período medieval repleto de relações sexuais com os espíritos infernais íncubus e súcubus.

O amor cortês da Provença do século XII e a poesia romântica surgem com essa influência, e mesmo assim só surgem por causa da Mulher. Se não existissem as mulheres, em que se inspirariam os poetas? Na narrativa do autor, o amor cortês surge para diferenciar a “elevação” dos Senhores Feu-

dais, em oposição ao “amor vilão” dos camponeses que se destinava à cópula e a procriação. Por não objetivar unicamente a satisfação carnal, o amor cortês era em si uma ascética, uma estética.

A influência Árabe foi fundamental para o surgimento da concepção cortês do amor. Os Emires da Espanha mulçumana abertamente se declaravam servos de suas amadas, isso influenciou os poetas de Provença que passaram a chamar as Damas da Corte de Senhoras, colocando-as em um patamar superior e invertendo a ordem social estabelecida. Assim, o amor também é subversivo, sendo diretamente dependente da evolução da condição feminina, desse modo, não é de estranhar que durante séculos seu principal inimigo tenha sido a igreja/estado.

No final do livro, Paz faz considerações sobre as condições da sexualidade, do erotismo e do amor no século XX, em especial da segunda metade em diante. Apesar de evidenciar que traços do amor cortês ainda estão presentes como a atração/escolha, liberdade/sujeição, fidelidade/traição, alma/corpo, também evidencia que a liberdade sexual do corpo, “casada” com a ótica capitalista transformou o erotismo em um negócio lucrativo. As leis de mercado e de produção aplicadas à vida erótica acabaram por degradá-la, não só na prostituição e na pornografia (que antes eram transgressões sociais, portanto subversivas, e mais próximas do amor do que são hoje), mas principalmente na publicidade e propaganda que transformou o corpo e conseqüentemente a alma, em algo que se aluga, que se comercializa com grande facilidade. No final do século XX, é possível observar, que nos convertemos em escravos da liberdade, logo somos obrigados a ser felizes. E a felicidade num mundo capitalista é entendida como consumo, o consumo do prazer, só que infelizmente o prazer é temporal e momentâneo. Cientes dessa condição, a indústria capitalista transformou o erotismo em uma potente droga a ser comercializada e consumida.

Entretanto para Paz, o futuro do amor

e do erotismo não é algo desolador. Ao contrário, para ele são justamente esses dois elementos que, como no passado, proporcionarão uma união harmônica, ou um retorno à natureza, nos possibilitando dar continuidade a vida. Pela alma o erotismo se transforma em amor, pelo corpo o amor se erotiza e ambos se alimentam na fonte do fogo primordial que é a sexualidade, ou em última instância, a própria natureza.

A mensagem final é que apesar das convenções sociais, o sentimento amoroso não tem regras, não existem maneiras para realizar o amor, ele ocorre por intermédio de mecanismos que ainda nos são desconhecidos. Na antiguidade e no período medieval pensava-se que o amor era causado pela combinação de humores e das afinidades dos temperamentos colérico, nervoso, melancólico e fleumático descritos por Galeno, aliados a uma influência astrológica. Por sua vez, os românticos e os modernos deram explicações psicológicas e fisiológicas para a manifestação do amor. Mas como salienta Paz, uma coisa é certa, o amor é um mistério onde a liberdade e a pré-des-

tinuação se enlaçam. Ou, para ser mais abrangente, como o próprio autor afirma: *“O fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama rubra do erotismo e esta, por sua vez, sustem e ergue outra chama, azul tremula: a do amor. Erotismo e Amor: A Chama Dupla da Vida.”*

Desse modo, o livro de Octavio Paz, consiste em uma obra que proporciona uma leitura rica e ao mesmo tempo agradável, sendo indicada para todos os que tenham interesse pelo assunto e, praticamente indispensável para os profissionais que trabalham com o tema, como psicólogos, enfermeiros, médicos, antropólogos e literatos. É uma obra envolvente e sedutora, criativa e destrutiva, encobridora e reveladora, como o próprio tema a que se pretende estudar. Desse modo, não é demais salientar que, devido à importância e profundidade do tema que trata, deveria ser reeditada no Brasil por intermédio de uma editora nacional, a fim de favorecer a circulação e divulgação no país dos conhecimentos ali existentes.